

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS COMO PLATAFORMAS DE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA: POETRY AS AN ECHOLOGICAL SURVIVAL

João Pedro Amorim¹, Luís Teixeira²
CCD/CITAR - Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

Palavas-chave: ecologia, ensino superior, investigação artística, residências artísticas.

INTRODUÇÃO

São vários os motivos que convergem numa residência artística, juntando artistas, instituições de acolhimento, mecenas, público e outros intervenientes. A residência funciona como uma plataforma de intercâmbio num contexto muito concreto, em que as suas condições materiais estão (mais ou menos) determinadas à partida. Apesar de uma residência artística estabelecer, nos bons exemplos, aquilo que nas relações ecológicas se define como mutualismo – uma relação em que todas as partes são beneficiadas –, o facto é que o artista assume uma posição central como agente da partilha. É a criação artística que estabelece a ligação entre os diferentes intervenientes.

Nesse sentido, consideramos pertinente a análise crítica da residência artística, no sentido de mapear as interações que se estabelecem entre os diferentes intervenientes, com o enfoque na investigação artística.

Durante outubro e dezembro de 2018 o artista sonoro Nuno da Luz esteve em residência artística na Escola das Artes (EA) da Universidade Católica Portuguesa, no Porto, resultando na exposição *Poetry as an echological survival*. A exposição teve a colaboração do Instituto Hidrográfico da Marinha Portuguesa (IH). Comparando a proposta inicial do artista com o resultado final foi possível identificar as características da residência que potenciam a descoberta de novos caminhos na prática artística. Para respondermos a esta premissa analisamos duas entrevistas (vídeo) do artista e do Comandante Pires Barroqueiro, do IH.

DESENVOLVIMENTO

1 · Residências artísticas

Ao procurar definir a expressão “residência artística”, Marcos José Santos de Moraes (2009, p.8) chegou à hipótese “lugar no qual se mora com arte”, onde se estabelece um “elo afetivo

¹ Bolseiro de investigação FCT do CCD (Centro de Criatividade Digital). Mestre em Práticas Artísticas Contemporâneas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e Licenciado em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² Doutorado em Engenharia Eletrotécnica pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. É coordenador do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas e do Centro de Criatividade Digital da Escola das Artes – Católica Porto. [<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=8443619925656864>]

entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980 apud MORAES, 2009, p.10). Esta é uma relação que se estabelece também com o atelier do artista que funciona como “moldura [...] invólucro, limite, e o espaço inicial de conformação de sua produção” (Ibid, p.10). Enquanto espaço físico e inserido num determinado contexto, o atelier constringe a prática artística, definindo condições materiais muito específicas em que a criação pode acontecer. Robert Hasegawa (2019) propõe que, paradoxalmente, os constrangimentos fomentam a criação artística porque “encorajam a inovação”, canalizando-a com “uma linguagem sólida, consistência e meios de expressão”. A residência artística propõe um distanciamento das condições habituais de criação do artista, um novo contexto em que as novas condições materiais podem ajudá-lo na pesquisa de novas linguagens e técnicas.

Jean-Baptiste Joly (1996) propõe que a Académie de France in Rome, em 1666, poderá ter sido o primeiro exemplo do que hoje é entendido como residência artística. A Academia recebia jovens artistas que recebiam uma bolsa de Luís XIV para executarem uma comissão – no caso “copiar esculturas clássicas em Roma para o Jardim de Versalhes”. Já no século XIX surgem as colónias de artistas – aquilo a que hoje poderíamos chamar *artist-run residencies* – que pretendiam romper “com academicismo prevalecente na capital francesa” ao possibilitar aos artistas “sair dos estúdios e estabelecer um contacto direto com a natureza”. (Ibid)

Desde o início, a residência artística aparece associada a uma saída do atelier para um novo espaço onde se encontram novas condições materiais ou de contexto que permitem estimular a criação artística. Na contemporaneidade, as residências proliferam em diversos contextos diferentes – urbanos, rurais, industriais –, catalizadores da criação.

2 · Contexto no CCD

A Escola das Artes (EA) da Universidade Católica Portuguesa foi fundada em 1996 no Porto como centro para a criação artística. Promovendo a presença da arte em vários campos de atividade, e sobretudo, oferecendo uma multitude de perspetivas sobre a arte, a EA afirmou-se como uma instituição chave em Portugal, nos domínios cultural, social e do desenvolvimento económico. A Faculdade divide-se em Som e Imagem (Cinema, Animação, Som e Música, New Media Art, Indústrias Criativas) e Conservação e Restauro. A EA tem ainda um Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) além de dois centros de serviços dedicados à disseminação e transferência de conhecimento e cultura para a comunidade: o CCD (Centro de Criatividade Digital) e o CCR (Centro de Conservação e Restauro).

O CCD é reconhecido como um centro do *cluster* de Indústrias Criativas da Região Norte de Portugal. Equipado com tecnologia de ponta na área da criatividade digital, além de laboratórios equipados, estúdios de vídeo e de som, um estúdio de Motion Capture e um Fabrication Lab, possui ainda uma sala de exposições equipada e um auditório para cinema e espetáculos com um projetor DC.

Nos últimos dois anos, a EA tem vindo a desenvolver, por via do CCD, uma estratégia de produção artística associada ao ensino e à investigação com o objetivo de aproximar as práticas da universidade contemporânea à longa tradição das academias de Belas Artes dos mestres-artistas. Este programa, que contempla também uma série de eventos públicos como exposições e masterclasses, tem o seu centro nas residências artísticas. Em 2017/2018, houve uma residência artística, que resultou numa exposição; além de outras três exposições. Em 2018/2019, houve três residências artísticas, duas das quais resultaram em exposições, para além de duas outras exposições.

3 · A residência

A residência artística de Nuno da Luz foi a segunda desta nova direção da EA, e decorreu entre setembro e dezembro de 2018, com o apoio do programa *inresidenceporto*¹.

Ao convite de exposição Nuno da Luz respondeu com um projeto *context-specific* de investigação sobre a envolvente da EA. O título partia da frase de Álvaro Lapa «poetry as an ecological survival», derivada do ensaio de Gary Snyder «Notes on Poetry as an Ecological Survival Technique». Na citação de Lapa, acrescenta um «h» a «ecological», “transformando «eco-» (do grego «oikos», casa) em «eco» («ēchos», som)”. Partindo deste projeto, Nuno da Luz propõe-se a “repensar certos fenómenos acústicos, como reverberação e ressonância, enquanto processos ambientais e sociais”², de forma especulativa.

Assim, assumindo o «ambiente» da EA, a Foz do Douro e o Oceano Atlântico, a proposta identifica os elementos que o poderão representar, com base “na observação e recolha de dados”: por um lado dados marítimos e sub-aquáticos de “marés, ondulação, temperatura e outros, junto à Foz e na zona litoral de Gaia, Porto e Matosinhos”³ – da responsabilidade do Instituto Hidrográfico da Marinha Portuguesa; capturas de som; capturas de imagem.

4 · A exposição

¹ O programa, organizado pela Câmara Municipal do Porto, tem como objetivo “aproximar artistas nacionais e internacionais às oportunidades de desenvolvimento de projetos de residência na cidade em múltiplas áreas artísticas.” Disponível em: <http://inresidenceporto.pt/PT/> Acesso em: 12 ago. 2019.

² Proposta de residência apresentada por Nuno da Luz.

³ Ibid

A inauguração foi marcada para 7 de março de 2019¹ e foi antecedida por uma masterclass com o artista e com o comandante Pires Barroqueiro do IH. A exposição ficou patente até 5 de abril.

A exposição resultou numa instalação imersiva de som e luz constituída pelos seguintes elementos: modulação de lâmpadas incandescentes por meio de dados de altura de maré prevista, em escala temporal real; dois gongos de vento a vibrar de acordo com dados da agitação marítima registados, um pela boias costeira e outro pela oceânica de Leixões durante um ano; gravações da rebentação das ondas, na barra do Douro, no pico de ambas marés: praia-mar em reprodução nos altifalantes frontais, e baixa-mar nos altifalantes de retaguarda; filme 16mm transferido para digital.

A exposição teve uma iteração em Lisboa, na Galeria Vera Cortês em Lisboa, que representa o artista, de 22 a 29 de junho.

5 · Análise

O desenho da exposição vem reforçar a ideia entre os conceitos de casa, ambiente e som evocado pelo “echo”, por funcionar como um sistema unificado pela instalação de som e de luz. O trabalho de Nuno da Luz é feito de poucos elementos e centra-se numa “escuta daquilo que está a acontecer no ar” (DA LUZ, 2019) e num trabalho com a dimensão matéria do ar. “Para quem o consegue escutar há essa ideia de produção e receção sonora”, sem que se tenha “os referentes visuais diretos” da relação de causa-efeito do “o que é que causa o quê” (Ibid).

Ao trabalhar com os dados do IH, Nuno da Luz procurou trabalhar com dois dois processos paradoxais: “visualização espacio-temporal” do som e a “abstração”. O artista confessa que as ondas do mar já “pressupõe ou parecem de perfil ondas sonoras” (Ibid).

No Porto, o artista teve a “oportunidade de vir a conhecer um novo meio, pensar a envolvente da Escola como trabalho de campo” (Ibid). Clarificando a dimensão conceptual do seu trabalho – no conceito derivado de Álvaro Lapa e Gary Snyder de “sobrevivência ecológica” – Nuno da Luz gostaria de desenvolver uma “atenção a certos ecos do espaço, e à ecologia desse espaço”. Isso passa por reconhecer a diversidade dos elementos em convivência e coabitação num dado ecossistema, “num espaço liminar de tensão entre aquilo que é possível enquanto força geológica e ambiental e aquilo que é força antropogénica” (Ibid).

¹ Vistas de exposição e informação disponíveis em: <http://artes.porto.ucp.pt/pt/central-eventos/exposicao-poetry-ecological-survival-nuno-luz>. Acesso em: 12 ago. 2019

A proposta de Nuno da Luz foi vista com curiosidade pelo IH: “que novos horizontes é que isso pode trazer para o trabalho que o Instituto faz enquanto serviço cartográfico nacional” (PIRES BARROQUEIRO, 2019). O comandante Pires Barroqueiro do IH considera que o que faz desta nova perspectiva interessante é a possibilidade de “entrar no ambiente muito mais abrangente, muito mais sem fronteira e sutil” em comparação com os produtos do IH, que têm uma motivação muito mais “utilitária” para a “segurança da navegação e da utilização do mar” (Ibid). O comandante salienta que apesar de a leitura da bóia ser objetiva, a observação e a leitura dos dados fornecidos pelos cientistas não deixa de ser um processo “subjetivo” já que requer a intervenção de um sujeito. “É muito interessante ver como é possível haver uma conversa entre estas duas áreas do saber”, entre as perspectivas científica e artística, ambas subjetivas (Ibid).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição *Poetry as an echological survival* foi o resultado de um período de encontro do artista com um espaço, um sistema ecológico e respetivas interações entre múltiplos elementos. Do ponto de vista estético, são de realçar a tradução de dados em ondas aquáticas e luminosas. Ao mesmo tempo que sugere a sinestesia entre os diferentes sentidos, a imersão da instalação unifica os diferentes sinais recebidos. A exposição ofereceu uma oportunidade efémera de descobrir a Foz do Douro através de uma outra perspectiva, da representação dos ecos sonoros das relações ecossistémicas. É uma forma de “sobrevivência ecológica”.

Se podemos reafirmar que em geral uma residência artística oferece ao artista a oportunidade de trabalhar com novos limites e condições de produção, o que pode estimular a criação de novas linguagens, técnicas e sentidos; isso é particularmente verdadeiro quando o próprio projeto é *site-specific* ou *context-specific*. Quando a obra revela, na sua forma e/ou conteúdo, as especificidades do local onde foi criada, a relevância de uma residência artística é mais evidente.

Outro aspeto que pode tornar particularmente relevante uma residência é a possibilidade de permitir o intercâmbio de conhecimento com especialistas de áreas que o artista não domina. Neste caso, sem as competências/ferramentas específicas do IH, não teria sido possível concretizar o projeto. Nesse sentido, e supondo que uma instituição de acolhimento tem sempre alguma limitação nas áreas de especialidade que pode oferecer, esta

deve auxiliá-lo na identificação das colaborações a procurar e articular a relação do artista com outros colaboradores. O mesmo se aplica a ferramentas e técnicas.

As residências artísticas provam-se plataformas de investigação avançada capazes de refletir criticamente sobre conceitos e expressões estéticas em diálogo multidisciplinar, se as devidas condições de trabalho forem postas à disposição do artista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA LUZ, Nuno, *Poetry as an ecological survival*, Entrevista concedida a João Pedro Amorim, 9 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hUAXeIAXzpl>. Acesso em: 12 ago. 2019.

HASEGAWA, Robert, *Composing with Constraints*, Entrevista concedida a João Pedro Amorim, 11 jan. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pANNc77McGY>. Acesso em: 12 ago. 2019.

JOLY, Jean Baptiste, *About the necessity of residential centers in the contemporary context of art*. Dublin:1996. Disponível em http://www.resartis.org/en/activities_projects/meetings/general_meetings/1996_-_dublin/jean-baptiste_joly/. Acesso em: 12 ago. 2019.

MORAES, Marcos José S. de, *Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão*, Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: 2009.

PIRES BARROQUEIRO, Teotónio J., *Sobre Poetry as an ecological survival*, Entrevista concedida a João Pedro Amorim, 9 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQttvZiXX8A>. Acesso em: 12 ago. 2019.

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto (NORTE-01-0145-FEDER-022133), cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte (NORTE 2020), através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER).